Laura Bellini



Enquanto Você Ainda Tiver Cheiro de Chuva

Eles se lembram de cada ferida.
E de cada motivo para ficar

Enquanto Você Ainda Tiver Cheiro de Chuva

Eles se lembram de cada ferida. E de cada motivo para ficar

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901045

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - As condições do retorno 12
Capítulo 2 - Os limites da confiança 24
Capítulo 3 - O caminho que não estava no mapa 37
Capítulo 4 - Tudo o que não dissemos 48
Capítulo 5 - O direito de dizer não 63
Capítulo 6 - O cheiro da chuva 75
Capítulo 7 - O que fica nas entrelinhas 87
Capítulo 8 - O lugar para onde você volta 97
Capítulo 9 - O preço de uma decisão conjunta 107
Capítulo 10 - Sem caminho de volta 118
Capítulo 11 - Entre nós e o mundo 129
Capítulo 12 - Palavras que não podem ser retiradas 140
Capítulo 13 - O que não se pode comprar 152
Capítulo 14 - A verdade que ainda não conseguimos suportar 162
Capítulo 15 - Tudo o que eu não tinha o direito de dizer 173
Capítulo 16 - A distância que importa 184
Capítulo 17 - O que permanece quando partimos 193
Capítulo 18 - Sem promessa de perdão 202
Capítulo 19 - O direito à própria história 211
Capítulo 20 - Um motivo para ficar 221

INTRO

A chuva começou a cair exatamente quando concluí que, pela primeira vez em muito tempo, tudo estava saindo conforme o planejado.

Eu estava parada numa bifurcação das trilhas, com o mapa aberto sobre o joelho e uma caneca térmica na outra mão. À minha frente, entre os abetos escuros, uma trilha estreita que levava ao refúgio de montanha Pod Sokolą Skałą desaparecia numa névoa leitosa. Segundo meu cronograma, eu deveria chegar lá antes das cinco da tarde, conversar com a proprietária, examinar fotografias antigas e voltar naquela mesma noite para a pousada em Szklarska Poręba. No dia seguinte, outros dois lugares me aguardavam, com histórias que eu queria preservar antes que alguém os transformasse em apartamentos modernos com vista para as montanhas.

Eu tinha quarenta e um anos, dois livros de reportagem publicados e experiência suficiente para saber que a realidade raramente se preocupa com cronogramas. Mesmo assim, havia preparado o meu com uma precisão da qual minha amiga Natalia costumava zombar. Horários, nomes, alternativas de percurso, até os pontos onde seria possível conseguir sinal de celular. Depois dos últimos meses corrigindo textos alheios, eu precisava de um projeto que pertencesse exclusivamente a mim. Sem um editor espiando por cima do meu ombro. Sem concessões que eu aceitasse apenas por estar cansada demais para discutir.

Acima de tudo, sem pessoas que pudessem me dizer como contar suas histórias.

Dobrei o mapa, enfiei-o no bolso da jaqueta e comecei a subir.

Vinte minutos depois, eu já sabia que o atalho marcado na minha impressão tinha sido ideia de alguém que nunca havia percorrido aquele caminho em outubro. As pedras molhadas cediam sob minhas botas, e o riacho que atravessava a trilha carregava muito mais água do que o mapa sugeria. Parei diante de uma pequena ponte de madeira. Uma das tábuas estava rachada de ponta a ponta; outra se inclinava perigosamente sobre a correnteza.

— Isso não estava nos planos — murmurei.

— Pontes normalmente não consultam os turistas antes de entrar em reforma.

A voz veio de trás de mim.

Virei-me mais bruscamente do que pretendia.

O homem estava a poucos metros de distância, com o capuz caído sobre as costas e gotas de chuva escorrendo pelos cabelos escuros. Vestia uma jaqueta verde de trekking, carregava uma mochila velha e tinha aquela postura tranquila que eu lembrava bem demais. Com uma das mãos, segurava a alça da mochila. A outra estava enfiada no bolso.

Por um instante, vi nele o homem de sete anos atrás, parado junto à janela da cozinha com uma xícara de café. Depois percebi os fios grisalhos nas têmporas e algumas rugas novas. Parecia mais maduro, mais austero. Nem um pouco menos familiar.

— Marcin.

Pronunciei seu nome tão baixinho que parecia estar testando se ainda era capaz de fazê-lo.

— Ula.

Ele não sorriu. Nunca gostara do meu nome completo, embora, depois da nossa separação, eu tivesse começado a usá-lo profissionalmente com uma insistência digna de uma causa melhor. Urszula Lis soava como uma mulher que tinha a própria vida sob controle. Ula me lembrava alguém que um dia adormecia com a cabeça apoiada no ombro de Marcin e acreditava que nem tudo precisava ter prazo de validade.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

Ele olhou para a mochila, depois para a trilha.

— Trabalhando. E você?

— Também.

— Com uma câmera, um caderno de anotações e essa cara de quem pretende vencer uma disputa contra o tempo?

Apertei os dedos em torno da alça da bolsa. Ele se lembrava de que eu nunca soubera aceitar quando meus planos davam errado. Também lembrava que, quando estava nervosa, eu respondia a uma pergunta com outra. O que mais me irritava, porém, era perceber que bastaram três frases para eu voltar a distinguir, em sua voz, a diferença entre diversão e malícia.

— Não sabia que você também guiava pessoas deste lado das montanhas.

— Já faz alguns anos. Para onde está indo?

Disse o nome do refúgio.

Seu olhar se deteve no meu rosto.

— Vai ver a senhora Zofia?

— Você a conhece?

— Sim.

Não acrescentou nada. Marcin sempre soubera ficar em silêncio de uma maneira que obrigava os outros a fazer mais perguntas. Antes, eu considerava aquilo uma demonstração de paciência. Mais tarde, começara a compreender que, às vezes, também era uma forma de defesa.

— Tenho uma entrevista marcada com ela — expliquei. — Estou trabalhando num livro sobre os pequenos refúgios de montanha dos Sudetos.

Algo mudou em sua expressão. Não era raiva, ainda não. Parecia mais a cautela de alguém que acabara de reconhecer um sinal de perigo.

— Sobre a história das pessoas ou dos edifícios?

— É difícil separar uma coisa da outra.

— Exatamente.

Aquela única palavra pareceu pesar entre nós mais do que o barulho do riacho.

Sete anos antes, eu havia publicado uma reportagem que incluía algumas frases ditas por Marcin numa determinada noite de inverno. Não estávamos conversando diante de um gravador ligado. Estávamos em casa, sozinhos, depois de um dia do qual nenhum de nós queria se lembrar. Eu me convencera de que a citação era indispensável, porque dizia algo importante sobre responsabilidade. Marcin considerava que eu havia traído sua confiança.

Não conseguira convencê-lo da minha versão. E, depois de algum tempo, ele deixara de querer ouvi-la.

— Não vim até aqui por sua causa — falei.

Arrependi-me imediatamente.

— Isso nem passou pela minha cabeça.

Reconheci a mentira pelo movimento quase imperceptível de seus lábios. Marcin também percebeu que eu a havia reconhecido. Por um breve instante, estivemos perigosamente próximos da nossa antiga maneira de conversar, na qual cada coisa não dita carregava sua própria história.

Acima de nós, um galho estalou. O vento trouxe uma chuva mais fria, então enfiei o caderno mais fundo na bolsa. Marcin se aproximou da ponte, examinou as tábuas danificadas e apontou para um caminho que se desviava à esquerda, quase invisível sob as folhas caídas.

— Há uma passagem segura por ali. São dez minutos a mais.

— Não aparece no mapa.

— Mas essa ponte aparece.

Ele tinha razão, o que me dava mais um motivo para não agradecer depressa demais.

Segui pelo caminho indicado. Depois de alguns passos, ouvi suas botas atrás de mim.

— Não precisa me acompanhar — falei.

— Não estou acompanhando você. Vou para o mesmo refúgio.

Parei.

— Por quê?

— Zofia me pediu ajuda com um projeto. Ela quer organizar o arquivo do refúgio antes de entregá-lo aos sucessores. Há coisas lá que não podem simplesmente ser colocadas sobre uma mesa e fotografadas.

A chuva escorria por sua bochecha. Ele não a enxugou. Percebi que ainda usava no pescoço o cordão fino de couro que havíamos comprado durante nossa primeira viagem juntos. O cordão desapareceu sob a gola antes que eu conseguisse desviar os olhos.

— Ela não mencionou que estava trabalhando com alguém — falei.

— Também não me falou sobre uma repórter.

Por alguns instantes, ficamos ouvindo a chuva. Então Marcin apontou para o caminho que se abria entre os abetos.

— Você pode voltar e escolher outro assunto. Ou podemos chegar até Zofia e decidir o que fazer.

Ele não tentou me impedir nem me convencer. Aquela liberdade doeu mais do que deveria. Houve um tempo em que ele lutava por nós com uma persistência que eu considerava natural. Agora estava diante de mim, disposto a aceitar qualquer decisão.

— Não vou desistir do livro — declarei.

— Não pedi que desistisse.

Ele passou por mim e seguiu primeiro, deixando espaço suficiente para que eu pudesse caminhar ao seu lado ou ficar para trás.

Alcancei-o depois de alguns passos.

A floresta cheirava a madeira molhada e terra úmida. Marcin diminuiu o ritmo quando a trilha ficou íngreme, mas não me ofereceu a mão. Sabia que eu conseguia descer sozinha pelas pedras escorregadias. Lembrava-se disso. Assim como eu me lembrava do cheiro da chuva em sua jaqueta quando ele voltava ao nosso apartamento depois de

uma longa caminhada e me abraçava antes mesmo de tirar as roupas molhadas.

À nossa frente, a claridade começou a atravessar as árvores. Ao longe, avistei o telhado do refúgio e uma fina coluna de fumaça saindo da chaminé.

Marcin parou na beira da clareira.

— Ula, antes de entrarmos, você precisa saber de uma coisa.

Olhei para ele.

— Não vou concordar que a história de ninguém seja publicada sem o consentimento consciente dessa pessoa. Mesmo que, por causa disso, a história fique menos impactante.

Eu poderia ter respondido com um argumento profissional. Poderia dizer que uma reportagem não é um texto cuja publicação depende da aprovação de seus personagens, que a verdade às vezes é inconveniente, que nem toda frase exige autorização. Conhecia perfeitamente esses argumentos.

Mas Marcin não estava falando sobre princípios jornalísticos.

— Entendo — respondi.

Ele me observou durante um longo instante, como se tentasse descobrir se aquela palavra significava algo além de mera cortesia.

— Entende mesmo?

Atrás dele, as primeiras luzes começavam a se acender nas janelas do refúgio. Eu tinha diante de mim o projeto pelo qual esperara durante meses e o homem que não conseguira esquecer ao longo de sete anos.

E, ainda assim, meu maior medo não era que ele me rejeitasse outra vez.

Eu tinha medo de que, desta vez, precisasse realmente compreender por que ele havia ido embora.

— Ainda não sei — respondi. — Mas quero entender.

Marcin permaneceu em silêncio por um momento. Depois assentiu com a cabeça e abriu o pequeno portão que dava acesso ao refúgio.

Fiquei na trilha por mais um segundo, com a chuva escorrendo pelo rosto e uma pergunta que não tive coragem de fazer em voz alta: se ainda nos lembrávamos de cada ferida, seríamos capazes de encontrar pelo menos um motivo para ficar?

Capítulo 1 - As condições do retorno

O refúgio cheirava a madeira de faia queimando, lã molhada e sopa de cogumelos. Atravessei a porta atrás de Marcin, tentando sacudir a chuva dos ombros e, ao mesmo tempo, não pensar em como era perigosamente familiar entrar com ele num ambiente aquecido. Antigamente, noites como aquela terminavam à mesma mesa, com a mão dele apoiada no meu joelho e conversas que se prolongavam até tarde. Dessa vez, havia alguns passos entre nós, sete anos de silêncio e uma frase dita na trilha cujo significado nenhum dos dois pretendia fingir que não compreendia.

Atrás do balcão de madeira estava uma mulher miúda, de cabelos grisalhos presos por um lenço vermelho. Ela ergueu a cabeça dos cálculos que fazia e sorriu ao nos ver.

— Até que enfim. Já estava achando que a montanha tinha decidido prender vocês por lá.

— A ponte está danificada — disse Marcin, tirando a mochila. — Precisamos interditar aquela passagem antes que alguém tente atravessá-la no escuro.

— Amanhã coloco um aviso.

— Hoje. Tenho fita de sinalização no carro, só preciso descer um pouco.

— Primeiro, coma alguma coisa. Você sempre salva todo mundo e só depois se lembra de que também tem estômago.

Observei a naturalidade com que conversavam. Sem cerimônias, sem necessidade de explicar quem eram um para o outro. Marcin conhecia aquele refúgio tão bem

quanto um dia conhecera todos os meus hábitos. Não perguntei desde quando.

— Senhora Zofia? — chamei.

A mulher saiu de trás do balcão, enxugou as mãos no avental e me examinou com evidente interesse.

— Senhora Urszula. Pensei que fosse mais alta.

— E eu pensei que o refúgio fosse menor.

Ela soltou uma gargalhada calorosa.

— Então já tivemos uma decepção cada uma. Venham, vou mostrar o quarto a vocês.

Fiquei presa à palavra "vocês".

— Desculpe, acho que houve um mal-entendido. Vim fazer uma entrevista e examinar o material. Já tenho hospedagem reservada em Szklarska Poręba.

— Com esse tempo? — Zofia olhou para as janelas, além das quais a noite começava a cair. — Minha querida, nem que eu tenha que obrigá-la a ficar aqui...

— Zosia — interrompeu Marcin.

— Está bem, sem obrigar ninguém. Digamos que seja um pedido.

Não consegui evitar um sorriso. Havia naquela mulher uma franqueza que, em outras circunstâncias, poderia me irritar, mas ali combinava com as mesas pesadas, os mapas antigos e o cachorro adormecido perto da lareira. Zofia nos conduziu a uma pequena sala atrás do refeitório. No centro havia uma mesa coberta de caixas de papelão, latas de metal e fotografias emolduradas. Acima dela estava pendurada uma fotografia panorâmica das montanhas, em preto e branco, tirada várias décadas antes.

— Isso é só o começo — anunciou, orgulhosa. — O restante está no sótão. Meu marido guardava tudo aquilo de que os outros queriam se livrar. Cartões, cartas, antigos livros de registro dos hóspedes. Marcin diz que parte precisa ir para um arquivo e que outra parte pode ser mostrada ao público.

Peguei uma fotografia de alguns turistas diante de uma construção de madeira. No verso, alguém havia anotado a data e os nomes. A tinta estava desbotada, mas a legenda continuava legível.

— É um material maravilhoso — comentei. — Fotografias assim permitem mostrar como a vida nesses lugares mudou. Eu poderia começar pela história da sua família e depois passar aos outros refúgios.

— Era justamente sobre isso que queríamos conversar — respondeu Zofia.

Olhei para ela com mais atenção.

— Queríamos?

Marcin puxou uma cadeira, mas não se sentou.

— Zofia quer criar um arquivo de histórias de alguns pequenos refúgios. Não apenas um livro. Gravações, fotografias, lembranças de antigos funcionários. Algo que permaneça aqui e continue disponível mesmo quando os proprietários mudarem.

— Ótima ideia — respondi. — Mas eu não trabalho com a criação de arquivos. Escrevo reportagens.

— Sei o que você faz.

Sua voz permaneceu tranquila. Foi exatamente por isso que senti uma pontada de raiva.

— Então também sabe que o material para um livro não é reunido seguindo a lista de exigências de outra pessoa.

— E você sabe que as lembranças das pessoas não existem exclusivamente para virar material de reportagem.

Zofia olhou para um, depois para o outro.

— Crianças, que tal um chá?

Não a corrigi. Marcin tinha quarenta e cinco anos, eu tinha quarenta e um, mas por um instante realmente nos comportávamos como dois adolescentes discutindo sobre quem se sentaria primeiro junto à janela.

— Aceito, obrigada — respondi.

Zofia saiu, deixando-nos sozinhos.

Marcin se aproximou da mesa e afastou uma caixa para abrir espaço para minha bolsa. Aquele gesto simples me irritou mais do que seu comentário anterior. Ele se lembrava de que eu não gostava de colocar meu equipamento no chão. Lembrava-se dos pequenos detalhes, embora aparentemente quisesse esquecer todo o resto.

— Você não sabia que eu viria? — perguntei.

— Não.

— Zofia não disse meu sobrenome?

— Disse que tinha encontrado uma repórter de cujo livro sobre antigas pousadas havia gostado muito. Não perguntei o nome.

— E deveria ter perguntado?

Ele levantou os olhos.

— Agora acho que sim.

Não havia nada ofensivo naquela resposta. Mesmo assim, senti minha segurança vacilar por um momento. No meu

planejamento, tudo era simples: entrevistas, documentação, algumas semanas de trabalho e o livro que eu desejava escrever havia tanto tempo. A presença de Marcin não alterava o valor do projeto. Alterava, porém, o preço que eu talvez precisasse pagar para realizá-lo.

— Já tenho datas acertadas em quatro lugares — falei. — Reuni os materiais preliminares, assinei um contrato para preparar a publicação e não pretendo começar tudo de novo.

— Ninguém está exigindo isso de você.

— Acabei de ouvir que preciso trabalhar segundo regras que ninguém combinou comigo.

— Você ouviu que as pessoas devem ter alguma influência sobre o destino de suas lembranças particulares.

— Isso não é a mesma coisa que controlar o texto.

Marcin me observou em silêncio por um instante.

— Talvez não seja para você.

Foi então que compreendi que não estávamos discutindo apenas sobre o futuro livro. Havíamos retomado uma conversa que não conseguíramos terminar sete anos antes. A diferença era que, dessa vez, ambos sabíamos aonde ela poderia nos levar.

— Não vou defender cada frase que já escrevi na vida — falei mais baixo.

— Não pedi que fizesse isso.

— Mas está me julgando justamente por uma delas.

Sua mandíbula se contraiu quase imperceptivelmente.

— Não por uma frase, Ula. Por uma decisão.

Zofia voltou com uma bandeja antes que eu pudesse responder. Colocou diante de nós três canecas de chá e um prato com pão e queijo. Sentou-se à mesa com a expressão de uma mulher que sabia perfeitamente ter interrompido uma discussão, mas não pretendia deixar que isso atrapalhasse seus próprios assuntos.

— Escutem. Já não tenho forças para cuidar de tudo isso sozinha. Na primavera, minha sobrinha vai assumir o refúgio. Parte das lembranças ficará aqui, mas o restante precisa ser organizado. Há pessoas que querem contar sobre os velhos tempos, só que não sabem a quem procurar. A senhora Urszula sabe escrever. Marcin conhece os refúgios, as trilhas e todos aqueles proprietários teimosos. Acho que vocês poderiam fazer algo realmente bom.

— Poderíamos — respondi cautelosamente. — Desde que estabeleçamos as regras.

— É exatamente isso que estou querendo.

Marcin pegou a caneca.

— Preciso ter certeza de que ninguém será colocado diante de um fato consumado. Nenhuma carta particular nem gravação será publicada sem a autorização de seus proprietários. E, se alguém contar alguma coisa exclusivamente para o arquivo, ela ficará apenas no arquivo.

— Posso separar a documentação do material jornalístico — respondi. — Mas não vou concordar que cada entrevistado tenha que aprovar o livro inteiro.

— Não estou exigindo isso.

— E quem decide o que é particular?

— A pessoa que confia a história a você. Antes de entregá-la.

Zofia pousou o chá.

— Isso me parece razoável.

Olhei para ela, incrédula.

— Senhora Zofia, numa reportagem às vezes aparecem fatos dos quais as pessoas prefeririam não se lembrar. Não posso prometer que todas as histórias serão confortáveis.

— E não quero isso. Meu marido conseguia ser terrivelmente insuportável. Pode escrever, se for necessário. Só não quero que tire da minha gaveta as cartas que ele me escreveu porque elas dariam um belo final para um capítulo.

Fiquei em silêncio.

Havia naquele pedido algo que eu não podia reduzir a uma discussão profissional. Zofia não estava tentando controlar a história. Queria preservar seu direito a uma parte da própria vida.

— Entendo — respondi.

Marcin olhou para mim, mas dessa vez não fez nenhum comentário.

Durante a meia hora seguinte, conversamos sobre possibilidades concretas. Propus criar dois conjuntos de materiais: um documental, que permaneceria sob os cuidados dos proprietários dos refúgios, e outro jornalístico, que eu poderia utilizar mediante as autorizações previamente combinadas. Zofia indicaria os primeiros entrevistados, enquanto Marcin ajudaria a entrar em contato com pessoas que não usavam e-mail e raramente desciam até localidades maiores.

Quando abri meu cronograma, Marcin se inclinou sobre a mesa.

— Você não vai conseguir fazer isso tudo num único dia.

— Por quê?

Ele apontou três lugares.

— Aqui, a estrada é fechada depois de chuvas fortes. Aqui, o proprietário só recebe visitantes até as duas da tarde. E aqui, a senhora Helena, que mora no local, não conversa com ninguém às segundas-feiras porque vai visitar a filha.

— Eu poderia ter descoberto tudo isso por telefone.

— Claro.

— Não precisa parecer tão satisfeito.

— Não estou satisfeito. Estou tentando descobrir como contar sobre o quarto erro sem que você jogue essa caneta em mim.

Olhei para a caneta em minha mão. Só então percebi que realmente a apertava entre os dedos.

Marcin sorriu pela primeira vez naquela noite.

Foi um sorriso breve, descuidado. Daqueles que antigamente surgiam em seu rosto quando conseguia me tirar do sério e depois me convencer de que eu deveria rir da situação. Durante um instante insuportavelmente longo, não vi diante de mim o homem que não confiava em mim. Vi o homem que um dia amei.

Desviei os olhos para o cronograma.

— Fale do quarto erro.

Dessa vez, não houve brincadeira. Ele explicou que a proprietária de um dos refúgios pretendia fechar o estabelecimento durante três semanas para reformar as instalações. Eu não tinha essa informação, embora tivesse conversado com o filho dela ainda no dia anterior. Anotei a

alteração e, por um momento, senti uma gratidão relutante. Marcin não apenas conhecia aqueles lugares. Prestava atenção às pessoas, aos seus hábitos e às suas necessidades, detalhes que nenhum formulário conseguia registrar.

Quando terminamos, Zofia trouxe uma refeição, embora já tivesse passado bastante da hora em que eu costumava comer. Lá fora, a chuva havia enfraquecido, mas a escuridão já não permitia enxergar nem mesmo a borda da clareira. Verifiquei o celular. A última conexão com a rede havia ocorrido quase uma hora antes.

— Posso usar o telefone de vocês? — perguntei. — Preciso avisar à pousada que não vou voltar esta noite.

— Claro. E vou preparar seu quarto. Nem vou fingir que vou deixá-la escolher entre uma cama quentinha e uma caminhada pela floresta molhada.

Marcin ergueu a cabeça.

— Se quiser, posso acompanhá-la até o estacionamento amanhã de manhã.

— Consigo ir sozinha.

— Eu sei.

Respondeu sem o menor sinal de ressentimento. Era justamente isso que me desconcertava. Ele não tentava provar que eu ainda precisava dele. E, no entanto, eu me lembrava dos anos em que ele era a primeira pessoa para quem telefonava depois de qualquer dia, bom ou ruim.

Mais tarde, quando Zofia saiu para preparar a roupa de cama, ficamos por algum tempo sozinhos à mesa. Marcin recolhia as fotografias para dentro da caixa, enquanto eu organizava minhas anotações. Percebi que ele deixara uma

fotografia por cima das outras. Mostrava uma jovem parada nos degraus do refúgio, carregando uma braçada de lenha. No verso estava escrito: "Maria, inverno de 1984. Primeiro ano sem estrada".

— Você conhece a história dela? — perguntei.

— Um pouco.

— Gostaria de ouvi-la.

— Pergunte primeiro a Zofia. É a irmã dela.

Não gostei de ter que aceitar mais uma condição imposta por ele. Ao mesmo tempo, havia algo naquela fotografia que me impedia de guardá-la sem curiosidade. A moça parecia cansada, mas sorria abertamente, como se tivesse acabado de fazer alguma coisa da qual sentia muito orgulho.

— Está bem — respondi. — Vou perguntar.

Marcin fechou a caixa.

— Amanhã, às nove, podemos conversar sobre o restante.

— Às oito.

— Às nove, Zofia já terá terminado de receber a entrega. Às oito, precisa de tranquilidade.

— Então, às nove.

Peguei a bolsa, mas sua voz me fez parar.

— Ula.

Virei-me.

Ele estava junto à mesa, com a luz do abajur iluminando seu rosto. Percebi um cansaço que antes ele escondera por trás da calma. Por um momento, tive a impressão de que diria algo pessoal. Talvez perguntasse como eu vivera nos últimos anos ou mencionasse nosso apartamento, onde

certa vez deixara um livro sobre as trilhas das montanhas Tatra.

— Não estou aqui para dificultar seu trabalho — disse.

— E eu não estou aqui para magoar você outra vez.

As palavras saíram mais depressa do que eu pretendia.

Ele não respondeu imediatamente.

— Seria bom se nós dois conseguíssemos cumprir isso.

Pegou a jaqueta e saiu para o refeitório.

Fiquei sozinha com o caderno aberto e uma sensação que não conseguia nomear. Não era apenas tristeza nem raiva. Durante toda a noite, Marcin me tratara como alguém cuja competência respeitava, mas em cujas intenções não confiava. E, quando sorrira diante do meu cronograma, por um segundo eu havia esquecido que alguma vez existira algo diferente entre nós.

Passei o dedo pelos nomes dos refúgios anotados. Meu projeto acabara de se tornar mais complicado do que eu imaginara. Mesmo assim, não pretendia desistir. Também sabia que, se Marcin continuasse fazendo parte dele, eu precisaria aprender a conversar com ele sem me esconder atrás de argumentos profissionais.

Não fazia ideia se ele desejaria fazer o mesmo.

Quando apaguei a luminária sobre a mesa, vi Marcin perto da lareira através da porta entreaberta. Conversava com Zofia, ouvindo pacientemente suas histórias, enquanto ela ajeitava a gola de sua roupa como se ele ainda fosse um menino que precisava de cuidados antes de sair para o frio.

Foi então que, pela primeira vez, pensei que, durante aqueles sete anos, eu não havia apenas perdido Marcin.

Também havia perdido a oportunidade de conhecer o homem em que ele se transformara.

E não tinha certeza se desejava mais recuperar aquela oportunidade ou fugir dela.

Capítulo 2 - Os limites da confiança

Acordei com o rangido do assoalho e o cheiro de pão recém-assado. Durante alguns segundos, não me lembrei de onde estava. O teto de madeira era mais baixo do que o do meu apartamento, fiapos de neblina passavam diante da janela e, sobre uma cadeira, estava pendurada a jaqueta que eu não tivera tempo de secar direito. Só quando ouvi o barulho da louça vindo do refeitório me lembrei da noite anterior. O refúgio. Zofia. Marcin. Nossa conversa sobre limites que, aparentemente, nós dois sabíamos estabelecer com muito mais facilidade do que respeitar.

O celular marcava sete e vinte. Eu tinha algumas mensagens de Natalia, uma da editora responsável pelos meus livros anteriores e um lembrete automático sobre o prazo para enviar o planejamento preliminar da nova publicação. Ignorei tudo, exceto Natalia.

"Chegou? Você não responde. Preciso chamar o GOPR ou basta começar a me preocupar?"

Respondi que havia chegado, passado a noite no refúgio e encontrado Marcin.

Os três pontinhos apareceram quase imediatamente.

"AQUELE Marcin?"

"Você conhece algum outro?"

O telefone tocou antes que eu conseguisse colocá-lo na mesinha.

— Você não pode simplesmente me mandar uma mensagem dessas e fingir que é uma manhã normal — declarou Natalia, sem sequer cumprimentar.